

A RECEPÇÃO DE *CHOVE NOS CAMPOS DE CACHOEIRA* NA IMPRENSA DO RIO DE JANEIRO: CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Alex Santos Moreira¹

Resumo: Em 1941, é publicado no Rio de Janeiro o primeiro romance do escritor paraense Dalcídio Jurandir (1909-1979), *Chove nos Campos de Cachoeira*, após vencer o concurso literário organizado pelo jornal *Dom Casmurro* e pela Editora Vecchi. A obra, que posteriormente comporia com mais nove romances o ciclo *Extremo Norte*, foi em larga escala divulgada em vários periódicos da cidade, principalmente, no jornal *Dom Casmurro*, que dedicou em diferentes edições várias páginas de publicidade ao livro. Além dos anúncios e das reportagens editadas em jornais e revistas cariocas, o livro recebeu uma enxurrada de textos críticos de intelectuais como Álvaro Lins, Josué Montello, Omer Mont'Alegre, Bruno de Menezes, Brício de Abreu entre outros. Diante disso, este trabalho visa a discutir as críticas literárias publicadas na imprensa do Rio de Janeiro, em meados do século XX, acerca do romance *Chove nos Campos de Cachoeira*, averiguando quais os procedimentos críticos presentes nos julgamentos da crítica jornalística ou de rodapé para interpretar a primeira obra literária de Dalcídio Jurandir.

Palavras-chaves: Crítica literária; Imprensa; Dalcídio Jurandir; *Chove nos Campos de Cachoeira*.

THE RECEPTION OF *CHOVE NOS CAMPOS DE CACHOEIRA* IN PRESS OF THE RIO DE JANEIRO: INITIAL CONSIDERATIONS

Abstract: In 1941, it was published in Rio de Janeiro the first novel of Pará writer Dalcídio Jurandir (1909-1979), *Chove nos Campos de Cachoeira*, after winning the literary contest organized by the newspaper *Dom Casmurro* and Editora Vecchi. The novel, which later would compose over nine novels the cycle *Extremo Norte* was largely published in various periodicals of the city, mainly in the newspaper *Dom Casmurro*, who dedicated several editions in different advertising pages to the book. In addition to ads and articles published in newspapers and Rio's magazines, the book received a flood of intellectual's critical texts as Álvaro Lins, Josué Montello, Omer Mont'Alegre, Bruno de Menezes, Abreu de Brício among others. Thus, this work aims to discuss literary criticism in the press of Rio de Janeiro in the mid-twentieth century, about the romance *Chove nos Campos de Cachoeira*, ascertaining which critical procedures attend trials of journalistic criticism or footer to interpret the first literary work of Dalcídio Jurandir.

Key-works: Literary Criticism; Press; Dalcídio Jurandir; *Chove nos Campos de Cachoeira*.

¹ Mestre em Estudos Literários pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Pará (UFPA). Professor de Língua Portuguesa na Secretária de Educação do Estado do Pará (SEDUC-PA). Brasil. alex.smoreira15@gmail.com

INTRODUÇÃO

Quando publicado em 1941, *Chove nos Campos de Cachoeira*, o primeiro romance do ficcionista paraense Dalcídio Jurandir (1909-1979), foi em larga escala divulgado em jornais e revistas da cidade do Rio de Janeiro. O jornal *Dom Casmurro*², por exemplo, contribuiu significativamente dedicando em diferentes edições várias páginas de publicidade ao livro e ao romancista. Entre os anúncios e as críticas editadas nos periódicos cariocas, o romance foi avaliado por intelectuais como Álvaro Lins, Josué Montello, Omer Mont’Alegre, Newton Braga e outros. Vale destacar que parte das apreciações foi favorável à obra – pois a maioria era oriunda do jornal patrocinador do concurso que conferiu o primeiro lugar ao romance de Dalcídio Jurandir – e outra parte da crítica conteve os elogios, reconhecendo como “bárbara” a prosa de ficção do romancista paraense.

Diante disso, este trabalho discute as críticas literárias saídas na imprensa do Rio de Janeiro, em meados do século XX, acerca do romance citado, averiguando quais os procedimentos críticos usados por essa crítica jornalística para interpretar o primeiro romance de Dalcídio Jurandir.

A crítica e o cenário literário brasileiro nos anos 1940

O decênio de 1940 representa uma fase de inflexões na literatura brasileira. O crítico Wilson Martins (1921-2010) mencionou o início da década como “momento apropriadamente de crise”, “um período de balanços e reavaliações, claro fim de uma época e território de passagem” (MARTINS *apud* SANTOS, 2013, p. 71). Tanto que os críticos em atividade na época, recorrentemente, questionavam quais os rumos a ficção nacional seguiria a partir daquele momento (SALES & PAIVA, 2013, p. 75).

O final dos anos 1930 e início dos anos 1940 trouxeram mudanças pontuais para a ficção brasileira, por exemplo, o romance social, em voga desde o início de 1930, entrou em declínio; os romancistas mais prestigiados, como Jorge Amado e José Lins do Rego, não publicavam romances com tanta frequência e os autores estreantes, que não se identificavam nem com os modelos estéticos e nem com as posições ideológicas dos escritores mais velhos, trouxeram para o debate literário preocupações de outra ordem. Desse modo, minimizou-se o

² Jornal fundado pelos gaúchos radicados no Rio de Janeiro, Brício de Abreu e Álvaro Moreyra, em 1937. O diferencial de *Dom Casmurro* em uma cidade cheia de órgãos de imprensa era que o semanário dedicava-se às questões literárias e culturais e era escrito por intelectuais. O periódico circulou de 1937 até dezembro de 1946. (DE LUCA, 2013, p. 278).

envolvimento ideológico nos debates literários e maximizou-se a discussão acerca das questões estético-formais.

Essa reconfiguração do cenário literário em 1940 era resultado de três fatores interligados: o embate firmado entre autores de gerações distintas, cujo conflito se dava pela afirmação e legitimação desses artistas enquanto participantes da cena cultural brasileira; a querela entre escritores novos e velhos (diante das novas exigências estéticas) levando a um processo de redefinição do gênero romance; e, por último, a postura da crítica, que estava imersa em todas essas discussões, havia também mudado, procurando estabelecer novos parâmetros para a leitura e a apreciação das obras literárias (Cf. SALES & PAIVA, 2013, p. 73).

Nesse período, a crítica literária era uma atividade essencialmente ligada à imprensa e ela se configurava a partir das impressões pessoais de leituras dos críticos. Sobretudo, porque a crítica impressionista, até a primeira metade do século XX, dominou no país o debate crítico e sua atuação era hegemônica nos suplementos literários de jornais, revistas e semanários.

Vale ressaltar que a crítica exercida nos suplementos literários não implicava em uma baixa qualidade nas apreciações de romances, poemas, contos e peças teatrais. Pelo contrário, nomes consagrados da nossa crítica literária exerceram ou, pelo menos, começaram suas atividades nas páginas periódicas. Entre os nomes que fizeram carreira nos periódicos no século XX, é reconhecida a contribuição de Lúcia Miguel-Pereira, Antonio Candido, Álvaro Lins, Wilson Martins, Otto Maria Carpeaux e Roger Bastide.

A atividade crítica encontrava guarida em jornais e revistas, porque os periódicos frequentemente publicavam crônicas, poemas, contos, peças teatrais e trechos de romances de escritores iniciantes ou de escritores já consagrados. Dessa forma, era de grande relevância a função que a imprensa exercia de informar seus leitores sobre os assuntos de destaque no campo literário e das artes em geral.

A divulgação e o debate da literatura eram ponto de destaque nos maiores jornais do Brasil, principalmente, nos do eixo composto pelas cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo. Evidentemente, porque essas duas cidades disputavam a hegemonia cultural, abrigavam as principais editoras e livrarias e congregavam os autores e artistas de maior destaque daquele momento. Além do que, os periódicos editados nesses dois lugares eram os principais divulgadores das novas tendências literárias e artísticas.

Publicado em 1941, *Chove nos Campos de Cachoeira* foi lançado diretamente nessa dinâmica de alterações dos valores estéticos e nas discussões preocupadas com a redefinição

dos gêneros literários, principalmente, do romance. Nesse contexto de crise, como apontou Wilson Martins, a crítica literária acaba manifestando uma indefinição acerca do valor literário do primeiro romance de Dalcídio Jurandir.

O fato de a obra ter seu enredo narrado no norte do Brasil, já foi motivo para os críticos a colocarem sob suspeição, pois, na linha de pensamento da crítica, durante o início do decênio de 1940, era de que romance social e o romance introspectivo, por falta de inspiração dos romancistas, haviam chegado à exaustão, uma vez que a repetição de temas desgastou a fórmula e as obras que apareciam repetindo o modelo eram vistas com pouca relevância para a produção do gênero³.

O concurso Vecchi-Dom Casmurro

Idealizado por Jorge Amado, então chefe de redação do Jornal *Dom Casmurro*, o concurso literário foi concebido em parceria com a Editora Vecchi⁴, a quem coube a responsabilidade de imprimir os dois textos vencedores, que ainda seriam condecorados com prêmios em dinheiro. De um total de cinquenta e dois originais enviados à redação de *Dom Casmurro* (MONT’ALEGRE, 1940, p. 7), foram premiados *Chove nos Campos de Cachoeira*, de Dalcídio Jurandir, em primeiro lugar, e *Ciranda*, de Clóvis Ramallete, em segundo lugar. O certame fazia parte da empreitada levada a termo pelo periódico, cujas atividades previam a realização de conferências, concertos, exposições e exhibições cinematográficas. Vale mencionar que, no momento de lançamento do concurso, o jornal “contava com vinte e seis mil leitores e perto de quatro mil assinantes” (DE LUCA, 2013, p. 290).

O diretor do certame, Brício de Abreu, mencionou que “o concurso foi disputadíssimo, faladíssimo, encarecadíssimo” (ABREU, 1941, p. 2). Em outros textos, editados em *Dom Casmurro*, Brício de Abreu manifesta seu contentamento com o resultado do concurso de romances, essa satisfação era devida à agitação que a competição literária trouxe para as

³Em consonância com as considerações da crítica que apontava a pouca relevância dos novos autores e a baixa produtividade dos escritores consagrados, Astrojildo Pereira (1890-1965), ao passar em revista o ano de 1941 e sumarizar o movimento literário do ano, revela que o legado literário de 1941 foi “bastante desfavorável: muito livro ruim, pouquíssimos realmente bons, nenhum que mereça o qualitativo excepcional”. (PEREIRA, 1942, p. 2).

⁴Fundada por Arturo Vecchi, em 1913, a Editora Vecchi, nos anos de intensa atividade editorial, tinha uma diversificada produção, publicando revistas, romances, antologias, contos, poesias, ensaios, memórias, obras teóricas, vida de santos, etc. Nos anos 1960 a Editora Vecchi se consagrou na atividade editorial publicando literatura infanto-juvenil. Sua falência foi decretada em 1983 a partir de desentendimentos entre os irmãos que administravam o empreendimento deixado por Arturo Vecchi. (NASCIMENTO, 1989).

páginas do jornal, pois foram publicadas informações sobre os escritores laureados, análises dos romances, entrevistas e uma exagerada série de notas que anunciavam o lançamento dos livros de Clóvis Ramalhete e Dalcídio Jurandir pela Editora Vecchi.

Além disso, o prestígio e a visibilidade do concurso atraíram anunciantes e novos acordos editoriais para o periódico, pois, meses depois, surgiram anúncios da *Coleção Dom Casmurro*, resultado de um contrato firmado com a Alba Editora do Rio, para a criação de uma biblioteca com livros de escritores nacionais e internacionais (DE LUCA, 2013, p. 292). Outro motivo causador da felicidade de Brício de Abreu foi que a contenda literária promovida por *Dom Casmurro* não repetiu o erro de outros concursos literários.

Os concursos literários no Brasil, durante os anos de 1940, tinham sua validade constantemente questionada, já que acumulavam acusações sobre os certames literários: o apadrinhamento era uma das denúncias mais recorrentes. O crítico teatral Guilherme Figueiredo, no artigo *Sobre concursos literários*, publicado no jornal *Diário de Notícias*, em 10 de outubro de 1943, denunciava que:

As comissões instituidoras ou julgadoras, compostas dessa classe de literatos que são a “gente que tem mais o que fazer”, nem ao menos publicavam as bases dos certames. Forneciam-nas aos interessados em tão sigiloso assunto, denotavam uma esperteza invulgar. Os interessados vestiam então seus livros, sempre inéditos, com pseudônimos, que na maioria dos casos, tratavam logo de desvendar às comissões, ou aos amigos. Faziam-se visitas cordiais, e nelas os membros das ditas comissões recebiam “por fora” exemplares na obra concorrente. Muitas instituições, para simplificar o trabalho dos juízes, exigiam até dez exemplares datilografados, mas ainda assim um ou dois julgadores é que liam os livros, enquanto que os outros se louvavam interinamente nos pareceres dos que tinham tido o trabalho de ler. Se correremos os olhos numa lista dos livros premiados nesses concursos, e nos nomes de seus autores, veremos que são mais ignorados do que quaisquer escritores que nunca tenham participado de tais aventuras. Os concursos revelavam nomes, é verdade, mas era a primeira razão para que se desconfiasse deles (FIGUEIREDO, 1943, p. 1).

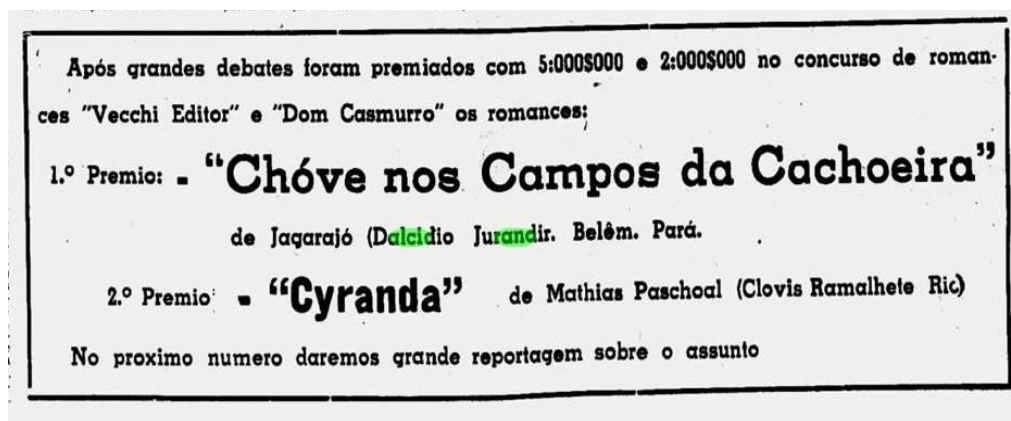
Guilherme Figueiredo revela que os concursos literários durante muito tempo não ajudavam na publicidade nem de novos escritores, nem de nomes consagrados. Eram realizados de forma obscura e corrupta no intuito de favorecer determinados autores, os prêmios atribuídos beiravam a insignificância, a atenção dada pelos jornais era ínfima e quando um determinado autor, subitamente, era galardoado, imperava a suspeita de que certamente ali “tinha andado o dedo de algum amigo” (FIGUEIREDO, 1943, p. 1).

Por esses motivos Brício de Abreu, diretor do concurso, e o escritor Omer Mont’Alegre, representante da Editora Vecchi, em mais de uma oportunidade foram às

páginas dos jornais defender e legitimar o certame que condecorou Dalcídio Jurandir. Evidentemente, a intenção dos dois era desfazer quaisquer hipóteses de favorecimento ao jovem romancista paraense, tanto que a ata do concurso de romances foi publicada no jornal *Dom Casmurro*, em 03 de agosto de 1940, detalhando cada um dos procedimentos adotados pelo júri para escolher a obra vencedora.

Durante a realização do concurso foram estabelecidos critérios que inviabilizassem o favorecimento de um dos candidatos inscritos. Por exemplo, foram atribuídos pseudônimos aos inscritos, sendo revelada a autoria dos romances somente quando se deu a escolha do livro vencedor. Brício de Abreu, ainda no prefácio da primeira edição de *Chove nos Campos de Cachoeira*, relata que, com o empate das obras de Dalcídio Jurandir e Clóvis Ramalhete, ele “interrogou aos membros do júri um por um – ‘em caso de empate por qual dos romances se decidiria ele, contando somente as qualidades literárias, analíticas e psicológicas da obra’... E todos, com exceção da Sra. Raquel de Queiroz, que não se achava presente, mas que já tinha dado o seu voto, foram unânimes em classificar **CHOVE NOS CAMPOS DE CACHOEIRA**.” (ABREU, 1941, p. 5).

Figura 1: anúncio dos romances premiados no concurso Vecchi-Dom Casmurro.

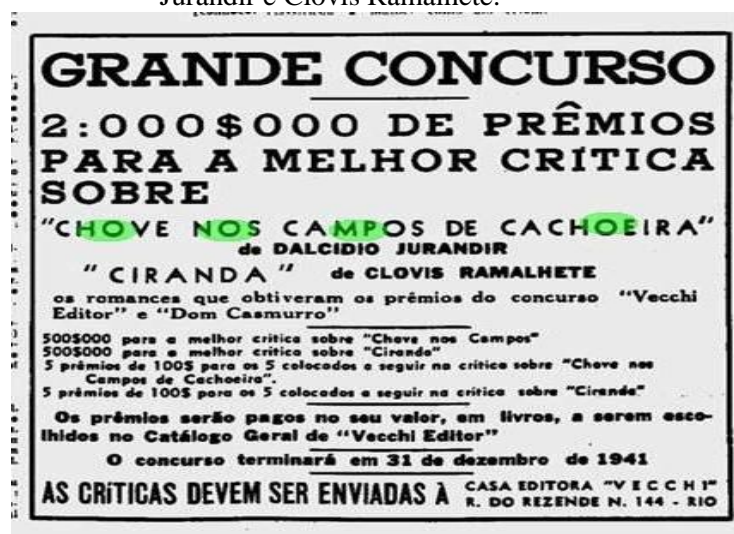


Fonte: Jornal *Dom Casmurro*, 27 de junho de 1940, p. 1.

Um ano após ser laureado no concurso, *Chove nos Campos de Cachoeira* foi publicado, assim como prometido, pela editora Vecchi e começou a circular em livrarias e bancas do país. Além de *Dom Casmurro*, outros periódicos também dedicaram espaço à mais

nova sensação literária de 1941⁵. O *hebdomadário* de Brício de Abreu e Álvaro Moreyra não poupou esforços na divulgação do romance e do romancista vencedor: antes da chegada da obra às livrarias, os leitores foram constantemente alertados com chamadas e notas indicando sobre a proximidade do lançamento do livro. Publicados os livros de Dalcídio Jurandir e de Clóvis Ramalhete, o jornal estabeleceu uma nova contenda. Dessa vez se premiariam as melhores críticas a *Chove nos Campos de Cachoeira* e *Ciranda*.

Figura 2: Nota divulgando o concurso que premiaria a melhor crítica aos livros de Dalcídio Jurandir e Clóvis Ramalhete.



Fonte: *Jornal Dom Casmurro*, 30 de agosto de 1941, p. 2.

Contudo, como *Dom Casmurro* estava envolvido em outras propostas (DE LUCA, 2013, p. 293), o encerramento desse concurso foi postergado até cair no esquecimento, não premiando nenhuma das críticas enviadas à Editora Vecchi. Mesmo não conferindo o prêmio prometido, o jornal publicou parte das apreciações redigidas por leitores comuns aos romances de Dalcídio Jurandir e Clóvis Ramalhete, contribuindo sobremaneira para a consagração dessas obras.

A crítica ao romance na imprensa carioca

Em um momento no qual os críticos faziam questionamentos sobre os rumos que a ficção brasileira tomaria, a crítica coetânea à publicação de *Chove nos Campos de Cachoeira*

⁵ Apesar dos críticos recorrentemente apontarem a baixa produtividade e a irrelevância das obras saídas no início da década de 1940, *Chove nos Campos de Cachoeira* foi largamente difundido e debatido nos círculos literários (a consagração da obra decorreu – principalmente – do poder midiático do periódico de Brício de Abreu e Álvaro Moreyra).

acusou o romance: de apresentar um barbarismo na linguagem, de ser faturado sob o estilo da moda (regionalista), aliás, foi recorrente o alinhamento da obra aos *best-sellers*⁶, de pertencer à escola naturalista e de ter sido favorecido no certame Vecchi-Dom Casmurro. Basicamente, as discussões aventadas giraram acerca da acusação e da defesa dos valores literários do primeiro livro de Dalcídio Jurandir.

Contudo, quando o romance chegou às livrarias, a crítica literária feita nos jornais e revistas mostrou-se descontente com o prefácio da obra. Na verdade, o prefácio era uma entrevista a Dalcídio Jurandir, publicada em *Dom Casmurro*, em 31 de agosto de 1940, na qual o jovem romancista relata as dificuldades enfrentadas para que a obra chegasse ao Rio de Janeiro. A entrevista *Tragédia e comédia de um escritor novo do norte* fazia parte do processo de divulgação do certame, era mais uma forma de comprovar a lisura do concurso e uma maneira de legitimar a autenticidade do escritor paraense, sobretudo, porque, segundo Omer Mont’Alegre: “A entrevista dada por Dalcídio Jurandir, [...] explica completamente a segurança com que [ele] fez *Chove nos Campos de Cachoeira* [...]” (MONT’ALEGRE, 1940b, p. 8).

O escritor Omer Mont’Alegre segue argumentando que a entrevista é o relato do autor ante os obstáculos para inscrever seu original no concurso. Todavia, a crítica da revista católica *A ordem* acusou o prefácio de ter “um aspecto de propaganda à custa das próprias dificuldades. Autobiografia com carência de certo recato artístico” (A ORDEM, 1941, p. 90). Por sua vez, Álvaro Lins, considerado durante os anos 1940 como o rei da crítica, ponderou que:

foi uma crueldade desnecessária juntar ao volume a entrevista [...]. Não sei de documento mais anti-literário e mais insensato do que esse em que um autor vem contar as suas intimidades pessoais numa linguagem terra-a-terra. Estaria tentado a falar em ridículo se não estivesse certo de que ingenuidade é que é a palavra mais exata para explicar uma confissão daquela natureza. Essa entrevista [...] poderá justificar o gesto de um leitor irritado atirando o romance para um depósito de inutilidades (LINS, 1941, p. 2).

O desagrado com o prefácio também foi manifestado em outra crítica literária publicada no jornal *Gazeta de Notícias*, em 19 de outubro de 1941. A crítica de Paulo Fleming foi direcionada para Dalcídio Jurandir e direcionada também para os escritores

⁶ A revista católica *A ordem*, ao publicar sua crítica ao romance, afirma que o livro: “[...] é uma obra apropriada para ganhar o concurso instituído por uma casa editora: tem um título sugestivo, em estilo muito popular hoje em dia; é muito volumoso, quase 400 páginas, o que nos faz lembrar esses romances norte americanos, volumosos e sugestivos, que aparecem simultaneamente no cinema e nas livrarias onde fazem um sucesso chocante”. (A ORDEM, 1941, p. 90).

alinhados ao romance social, pois o crítico considera que o romancista paraense lançou mão, propositadamente, de uma linguagem chula ao escrever seu romance “pensando que dessa maneira estava se enquadrando dentro do espírito da época” (FLEMING, 1941, p. 1).

Paulo Fleming, ao avaliar *Chove nos Campos de Cachoeira*, recupera um debate que colocava o moderno romance brasileiro em duas correntes: a regionalista, na qual o homem aparece em conflito com ou pela terra e a psicológica ou análise de costume, na qual o homem apresenta um acentuado estado de introspecção. Segundo Luís Bueno, essa percepção do romance brasileiro, cindido em duas partes, estava assentada sobre binômios como norte-sul ou litoral-sertão oriundos do século XIX; aliás, foi nesse momento que os nossos literatos afirmavam que a “ligação de um intelectual com a realidade brasileira, estava na sua maior adesão aos valores do ‘sertão’ ou, ao contrário, o apego ao seu gabinete de trabalho” (BUENO, 2006, p. 32). Discussões como essas levaram a outros debates principalmente acerca das questões estético-formais como, por exemplo, o uso da linguagem popular nas obras literárias. E é justamente esse debate que Paulo Fleming retoma quando critica Dalcídio Jurandir e seu livro.

Veja-se que o crítico aponta como erro de Dalcídio Jurandir ter escrito uma obra destinada a agradar “certo grupinho”, que pensava representar o máximo dentro do cenário intelectual brasileiro. Essa crítica tinha como destino o grupo de intelectuais ligados ao jornal *Dom Casmurro* e os autores praticantes do romance social. Esses ao ver de Fleming procuravam “escrever num estilo da mais absoluta chatice e, em alguns casos, um desejo de originalidade orientado com muito mau gosto e, em outros casos, simplesmente – incompetência, incapacidade” (FLEMING, 1941, p. 2). Desse modo, são essas as motivações que levam Paulo Fleming a considerar que:

Só um erro nesse sentido justifica a linguagem *chula* do estranho e inábil prefácio. Creio que o autor de “Chove nos Campos de Cachoeira” pensou ser a aristocracia da inteligência brasileira formada pela turma de escritores daqui que rezam na mesma cartilha, isto é, gostam de dizer as coisas na linguagem e no estilo terra-a-terra, com a falsa simplicidade, usada no prefácio a que me estou referindo (FLEMING, 1941, p. 2).

A avaliação de Paulo Fleming coaduna-se à de Álvaro Lins, ambos consideram a linguagem “terra-a-terra” usada por Dalcídio Jurandir no prefácio e no romance como equivocada. Além disso, Lins e Fleming compreenderam que o prosador havia recorrido a uma moda literária em voga naquele momento, portanto, por tal infração, a pena para *Chove nos Campos de Cachoeira* seria o esquecimento do panorama literário nacional. Vale ressaltar

que Paulo Fleming cogita a possibilidade de não ter compreendido bem o romance em questão, diferente de Álvaro Lins que categoricamente diagnostica a efemeridade do primeiro romance de Dalcídio Jurandir.

Chove nos Campos de Cachoeira é, segundo Dalcídio Jurandir, um livro embrionário no qual estariam todos os temas futuramente desenvolvidos nos outros nove romances do ciclo *Extremo Norte*. Sob o emblema da corrosão do humano, o livro enfatiza o tema geral do ciclo e logo em seguida agrega os subtemas explorados nos volumes posteriores a *Chove* (FURTADO, 2010, p. 23). A ação do romance está distribuída em vinte capítulos (todos numerados e intitulados⁷). Quanto aos elementos formais da narrativa, apresenta um narrador em terceira pessoa que recorrentemente se utiliza do discurso indireto livre e do monólogo interior para revelar mentes densamente marcadas por remorsos, frustrações e medos. Duas das singularidades do narrador dalcidiano são a agilidade na mudança do foco narrativo, que lhe permite focalizar e delinear diferentes personagens sem corromper ou fraturar a unidade da obra, e amalgamar a sua voz narrativa à dos protagonistas. Esse imiscuir de vozes mostra um narrador simpático aos dramas de Alfredo e de Eutanázio (personagens centrais da obra).

Considerações finais

Chove nos Campos de Cachoeira vinha sendo escrito desde o final dos anos 1920. Esse longo tempo de feitura pode ter ocasionado altos e baixos na tessitura da obra. Contudo, as acusações de romance bárbaro e caótico, regionalista e naturalista evidenciam uma crítica literária na qual ainda predominava a polarização ideológica, que caracterizou a literatura de 30, e que não compreendeu a técnica narrativa de Dalcídio Jurandir. Pois, a técnica usada pelo romancista o distancia do estilo naturalista, que foi reproduzido no Brasil, e o jogo com o tempo, a mistura de vozes narrativas e o uso de monólogos interiores contribuem para definir a singularidade do romance.

Referências bibliográficas

A ORDEM. “Dalcídio Jurandir – Chove nos Campos de Cachoeira – romance: primeiro prêmio do Concurso Vecchi-Dom Casmurro”. *A Ordem*. Rio de Janeiro, Nov. 1941, pp. 90-91.

⁷ Para este trabalho utilizamos a edição crítica de *Chove nos Campos de Cachoeira* organizada por Rosa Assis em 1998.

ABREU, Brício de. “Prefácio”. In: JURANDIR, Dalcídio. *Chove nos Campos de Cachoeira*. Rio de Janeiro: Editora Vecchi, 1941, pp. 1-10.

BUENO, Luís. *Uma história do romance de 30*. São Paulo: EDUSP; Campinas: EDUNICAMP, 2006.

DE LUCA, Tânia Regina. “Brício de Abreu e o jornal literário Dom Casmurro”. *Vária História*, vol. 29, nº 49. Belo Horizonte: jan/abr de 2013, pp. 277-301.

FIGUEIREDO, Guilherme. “Sobre concursos literários”. *Jornal Diário de Notícias*. Seção: Vida literária. Rio de Janeiro, 10 out. 1943, p. 1.

FLEMING, Paulo. “Chove nos Campos de Cachoeira”. *Suplemento literário do jornal Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 19 out. 1941, pp. 2-3.

FURTADO, Marli. *Universo derruído e corrosão do herói em Dalcídio Jurandir*. Campinas: Mercado das Letras, 2010.

JURANDIR, Dalcídio. *Chove nos Campos de Cachoeira* (Edição crítica – Rosa Assis). Belém: Editora da Unama, 1998.

LINS, Álvaro. “Romances de concurso”. *Jornal Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 27 ago. 1941, p. 2.

MONT’ALEGRE, Omer. “Memórias de um Concurso de Romances”. *Jornal Dom Casmurro*. Rio de Janeiro, 10 ago. 1940, p. 7.

_____. “Dalcídio Jurandir: um romancista da província”. *Jornal Dom Casmurro*. Rio de Janeiro, 07 set. 1940b, p. 8.

NASCIMENTO, Ângela José do. “A trajetória da Editora Vecchi”. *Revista Brasileira de Ciências e Comunicação – INTERCOM*. Ano XII, v. 12, n. 60. São Paulo: janeiro/junho de 1989. Disponível em: <

<http://www.portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/viewFile/1373/1322>>. Acesso em 24 set. 2014.

PEREIRA, Astrojildo. “O ano de 1941 e a literatura brasileira”. Revista *Diretrizes*. Rio de Janeiro, 8 jan. 1942, pp. 02 e 34-35.

SALES, Germana Araújo; SILVA, Wanessa R. P. da. *O romance em debate: pesquisa em fontes primárias*. Manaus: EUA edições, 2013.

SANTOS, Luciano Rosa da Cruz. *Onde a aurora é crepúsculo: modernidade com tradição na poesia dos anos 1940-50*. Tese de doutorado em Letras Vernáculas. Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas da UFRJ, Rio de Janeiro, 2013.

Recebido em 09/08/2015.

Aceito em 04/12/2015.